



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**SITUAÇÕES DE RUA: UMA ANÁLISE AUDIOVISUAL DO
MATERIAL PRODUZIDO PELO OBSERVATÓRIO DE SAÚDE DA
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

MEIRIAM DE SOUZA GUIMARÃES

BRASÍLIA

2018

MEIRIAM DE SOUZA GUIMARÃES

**SITUAÇÕES DE RUA: UMA ANÁLISE AUDIOVISUAL DO
MATERIAL PRODUZIDO PELO OBSERVATÓRIO DE SAÚDE DA
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da Universidade
de Brasília para obtenção de título de bacharel em Saúde
Coletiva.

Orientador: Prof Dr Pedro de Andrade Calil Jabur.

**BRASÍLIA
2018**

MEIRIAM DE SOUZA GUIMARÃES

**SITUAÇÕES DE RUA: UMA ANÁLISE AUDIOVISUAL DO
MATERIAL PRODUZIDO PELO OBSERVATÓRIO DE SAÚDE DA
POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia da Universidade
de Brasília para obtenção de título de bacharel em Saúde
Coletiva.

Orientador: Prof Dr Pedro de Andrade Calil Jabur.

Banca Examinadora

Prof Dr Pedro de Andrade Calil Jabur
Universidade de Brasília

Cássio Henrique Oliveira da Conceição
Universidade de Brasília

Tâmara Rios de Sousa
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me permitir ter essa oportunidade única de entrar em uma faculdade publica, por nunca ter me abandonado, pela força, e por lutar comigo diariamente. Também agradeço a Nossa senhora das graças, pela proteção, e por todas essas bênçãos que me destes.

Agradeço aos meus pais Paulo Roberto e Claudia Patrícia, e irmãos, Ana Paula, Murilo, Suzana, Pedro Henrique, Maria Luiza, Ana Clara e Marcos Vinicius, por todo apoio e carinho e amor que tens por mim, por me fazerem.

Agradeço a minha tia e madrinha Maria Neide, e minha prima Luana Guimarães, por me acolherem, serem esse suporte, e principalmente por acreditarem em mim, sei que nada disso estaria acontecendo se não fosse por vocês.

A minha vó Maria, agradeço pelo seu amor, por todas as orações e demonstração de carinho, pela preocupação e por ser essa pessoa mais que especial na minha vida.

Agradeço a minha família e amigos, por acreditarem em mim, que mesmo com a distância, se alegraram com essa conquista e sempre torceram para que tudo desse certo

Agradeço aqueles que de alguma forma me ajudaram na confecção trabalho, principalmente a minha prima Luana Guimarães, ao meu amigo João Paulo e a minhas amigas Fabiene Moreira e Késsia Brito, pela disponibilidade e comprometimento, e por todas as correções, sei que sem vocês não conseguiria.

Agradeço a todos os amigos que conquistei durante a graduação, a Fabiene Moreira, Késsia Brasil, Ana Caroline Lucena, Helaine Marques, Caroline Camelo, Maria Eduarda, Naifa, Elina Neves, Emanuele e Gabriel Lisboa, por toda a ajuda nos momentos de necessidade, serão sempre recordados.

Agradeço ao meu orientador Prof^a Dr^a Pedro Jabur por acreditar e confiar em mim, por todas as orientações, correções e principalmente pela paciência.

"O Senhor é meu pastor, nada me faltará."

Salmos 22:1

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o que é a rua para a população em situação de rua e para os profissionais do consultório na rua de forma a conceituar essa ideia. Trata-se de uma pesquisa descritiva e comparativa de abordagem qualitativa, com base secundária. A análise foi realizada através do material audiovisual produzido pelo projeto de Iniciação Científica do Observatório de Saúde da População em Situação de Rua. Foram utilizados 16 vídeos referentes a população em situação de rua que totalizaram 7 minutos e 45 segundos de vídeos transcritos, e 5 vídeos referentes aos profissionais do consultório na rua, que totalizaram 6 minutos e 1 segundo transcritos. Os eixos escolhidos para a presente pesquisa são: as facilidades e dificuldades de morar na rua; o conhecimento encontrado na rua; o uso de álcool e drogas; trabalho e o que é a rua. Identifica-se que a rua se representa de maneira positiva pois, segundo os entrevistados ela é sinônimo de liberdade, produtora de conhecimentos e ensinamentos adquiridos para uma troca de experiências. Entretanto, também é representada de maneira negativa pois é um lugar de grandes misérias, muitas dificuldades, sendo muitas vezes única alternativa. Destaca-se a importância do profissional de Saúde Coletiva estar atento a essa população, entendendo a sua importância para melhoria da atenção à saúde. Ressalta os vários tipos de violação dos seus direitos humanos, sendo considerada uma população pouco assistida pela sociedade no geral. Concluímos que os níveis de produções acadêmicas sobre o pensamento da população em situação de rua ainda pedem por avanços, sendo grande parte concentrada nas Ciências Sociais em Saúde. Por isso se faz necessário a criação de políticas públicas que favoreçam e auxiliem essa população, principalmente a área da saúde.

Palavras-chave: População em situação de rua. Rua. Saúde. Saúde Coletiva.

ABSTRACT

This study aims to analyze what is the street for the population in the street situation and for the professionals of the Street Office in order to conceptualize this idea. This is a descriptive and comparative research of qualitative approach, with secondary basis. The analysis was carried out through the audiovisual material produced by the Scientific Initiation project of the Observatory of Health of Population in Situation of Street. It was used 16 videos referring to the population in a street situation that totaled 7 minutes and 45 seconds of videos transcribed, and 5 videos referring to the professionals of the office on the street, which totaled 6 minutes and 1 second transcribed. The axes chosen for the present research are: the facilities and difficulties of living in the street; the knowledge found in the street; alcohol and drug use; work and what is the street. It is identified that the street is represented in a positive way because, according to the interviewees, it is synonymous with freedom, producer of knowledge and lessons learned for an exchange of experiences. However, it is also represented negatively because it is a place of great misery, many difficulties, and is often the only alternative. It is important to emphasize the importance of the Public Health professional to be attentive to this population, understanding its importance for improving health care. It highlights the various types of violation of their human rights, being considered a population that is not very much assisted by society in general. We conclude that the levels of academic productions on the thinking of the population in street situation still call for advances, being much concentrated in the Social Sciences in Health. That is why it is necessary to create public policies that favor and assist this population, especially the health area.

Keywords: Population in street situation. Street. Health. Collective Health.

LISTA DE ABREVIATURAS

CDCM - Centro de Documentação e Comunicação dos Marginalizados

COOPAMARE - Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

GTI - Grupo de Trabalho Interministerial

LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social

MDS - Ministério do Desenvolvimento do Combate à Fome

MNPR - Movimento Nacional de Luta e Defesa pelos Direitos da População em Situação de Rua

OAF - Organização Auxílio Fraternal

ONG - Organização Não Governamental

PSR - População em Situação de Rua

SUS - Sistema Único de Saúde

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Denominações Múltiplas	13
2.2. O contexto histórico da população de rua no Brasil	16
2.3. Saúde nas ruas	26
3. OBJETIVOS	29
3.1. Objetivo Geral	29
3.2. Objetivos Específicos	29
4. METODOLOGIA.....	30
5. O QUE É A RUA	32
5.1 População em situação de rua	32
5.2. Profissionais do consultório na rua.....	36
6. DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	39
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
9. ANEXO.....	54
Anexo I – Aprovação do projeto de Iniciação Científica junto ao Comitê de Ética.....	54

1. INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva analisar uma pesquisa aplicada com abordagem qualitativa, avaliando o material audiovisual produzido pelo projeto de iniciação científica do Observatório de Saúde da População em Situação de Rua, com foco descritivo e comparativo realizado pelo professor Pedro de Andrade Calil Jabur com o título de o que é a rua para você, onde de acordo com a própria população analisada e os profissionais do consultório na rua de forma a conceituar a ideia de: “O que seria a rua para eles”.

A população em situação de rua (PSR), segundo Costa (2005) é um grupo heterogêneo de homens, mulheres, famílias, jovens e crianças, formado de diversas realidades, que partilham da pobreza extrema, no decorrer da vida, por uma determinada situação adversa, causando grandes rupturas históricas que os levam a usufruir das ruas como forma de sobrevivência.

Para Carvalho (2002) e Novak (1997) citados por Brasil (2008) a extrema pobreza da PSR comprova que no Brasil há uma grande desigualdade social no que tange a denominação a "rua" pois, há uma relação com processos de exclusão e estigmatização que são obrigados a enfrentar.

De acordo com o panorama situacional da PSR, no início dos anos de 1990, com o advento da Constituição Federal de 1988, passou-se a considerar que os direitos sociais devem ser direitos fundamentais a qualquer cidadão. Há o reconhecimento, através da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que ao regulamentar os artigos 203 e 204 da Constituição, prevendo como uma política pública, foi dado ao poder público o dever de continuar com os trabalhos na atenção com a PSR, na garantia a todos os direitos de dignidade social (COSTA, 2005).

Através do Decreto nº 7.053 de 2009, foi instituída a Política Nacional para a População em Situação de Rua, tendo como princípios, a igualdade e equidade; o respeito à dignidade; o direito a convivência com a família e a comunidade; a valorização e o respeito pela vida e pela cidadania; o atendimento universal e humanizado; e o respeito às diferenças e as condições sociais. O inciso VI do artigo 7º do referido Decreto, preceitua sobre o incentivo que deverá existir, através de

pesquisas para a produção e divulgação do conhecimento sobre a PSR (BRASIL, 2009).

Entre agosto de 2007 a março de 2008 foi realizado pelo Ministério do Desenvolvimento do Combate à Fome (MDS), o primeiro censo e pesquisa nacional sobre a população em situação de rua, onde no levantamento realizado em 71 cidades em todo o país, conseguiu-se identificar 31.922 pessoas em situação de rua (BRASIL, 2008)

Em um levantamento bibliográfico, elaborado por Mendes (2011), percebe-se que grande parte das pesquisas na área de população em situação de rua se concentra nos últimos cinco anos. Anteriormente, a maior parte dos estudos era proveniente de textos apresentados em seminários e congressos, de autoria de Organizações Não Governamentais (ONGs), igrejas ou do próprio poder público. Segundo o autor, a maioria dos trabalhos atuais parte da perspectiva de análises macro estruturais, enfatizando questões como: o desemprego; os reflexos da crise mundial; as mudanças estruturais da economia; a crise social provocada pelo crime organizado e o tráfico de drogas. Estes fatores são apresentados como explicações e justificações sobre a existência de pessoas que se encontram fora do mercado formal de trabalho e que se utilizam do espaço público como local de moradia.

Kasper (2006) corrobora esta avaliação e elabora uma classificação de três temáticas estabelecidas, especificamente no campo das ciências sociais, sobre os estudos de indivíduos em situação de rua. A primeira classificação refere-se a uma perspectiva acerca de estudos sobre exclusão, a segunda corrobora sobre as políticas sociais e a última fornece questões a respeito das formas de sociabilidade entre os moradores de rua, sendo considerada pelo autor, menor em quantidade de pesquisas e estudos produzidos do que as duas primeiras.

Como coloca De Lucca (2007), uma parcela considerável dos estudos sobre a população de rua, possui como objetivo principal, a interpretação e a análise das dinâmicas que levaram essas pessoas a viverem em situação de rua. Os estudos citados pelos autores (Bursztyn, 1997; Castelvechi, 1982a, 1982b; Escorel, 1999; Rosa, 2005; Simões Jr., 1992; Stoffels, 1977; Varanda, 2003; Vieira, Bezerra e Rosa, 1994 citados por De Lucca, 2007), se concentram justamente na trajetória processual e estrutural de exclusão desses indivíduos.

Segundo Bento e Barreto (2004), a partir da realidade de estudos em Portugal e na Europa, as pesquisas dos indivíduos em situação de rua priorizam a questão

das trajetórias, que têm destacado a existência de alguns fatores, podendo ser agrupados, em quatro categorias: a questão das perturbações psiquiátricas (e consequentemente do uso abusivo de álcool e/ou drogas); a noção de exclusão ou déficits educacionais e profissionais; a idéia de identificação e representações culturais e o processo de construção e reconstrução de vínculos e relações.

Frangella (2004) observa que, ao longo das últimas três décadas, a população de rua vem sofrendo uma mudança de tratamento social e político, devido ao aumento de pessoas na rua, em decorrência do agravamento da situação socioeconômica e de uma gradual concentração na teia de atendimento a essa população, abrindo espaço para sua visibilidade política e social.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Denominações Múltiplas

De Lucca (2011) constrói, através de depoimentos e narrativas, a transformação da PSR e de suas variadas denominações, especificamente na cidade de São Paulo. No início da década de sessenta do século passado, o autor explicita acerca do termo utilizado na época, denominado “marginais”. Tal termo decorre, principalmente, do pensamento social higienista como forma de qualificar, o imenso contingente de migrantes rurais que iniciavam sua vida nas grandes metrópoles, a margem do mercado e das possibilidades de construção de um projeto de vida nas grandes cidades.

Castelvecchi (1985) aponta que a partir do final da década de setenta, com o surgimento de uma Pastoral de Rua e da Comunidade dos Sofredores, a denominação “sofredor de rua” passou a ser adotada tanto por instituições, destacadamente as não governamentais e as religiosas, como pelos próprios sujeitos. O sentido, aponta o autor, é justamente destacar uma situação de carência e fragilidade bem como uma grave miopia por parte das redes oficiais de saúde e de assistência social.

De acordo com De Lucca (2011), na época, ainda não se possuía um conjunto de saberes formais sobre essa população, nem qualquer tipo de instituição estatal que trabalhasse com a população de rua. Aparece, ainda nesse processo, a figura do catador de lixo e objetos recicláveis e com isso a consequente integração dessas pessoas através da Comunidade dos Sofredores de Rua. O autor destaca, ainda, a soma desse crescente contingente de pessoas vivendo na rua, passando a existir uma presença significativa de pessoas trabalhando com os resíduos.

A construção de várias categorias de trabalho na rua complexifica ainda mais este conjunto de denominações. Algumas das categorias como exemplo dos: catadores de papel; latinha; materiais reciclados; guardadores de carro; passaram a ser considerados como sendo moradores de rua. Outros, com núcleo familiar constituído, estão vinculados a associações ou cooperativas, tendo com este espaço, uma relação estritamente laboral, não estando sujeitos a situação de rua. Conforme demonstra o autor:

Nos jornais, cada vez mais o reforço da imagem da miséria nas ruas embarça-se com a figura do desempregado e a catação é colocada como uma atividade reconhecida de subsistência. Assim, o catador passa a se diferenciar em relação aos mendigos, pois agora, as ruas não são mais só dos vagabundos, anunciam os jornais, mas também daqueles que não encontram lugar no mundo do trabalho (DELUCCA, 2011, p. 13)

De acordo com o levantamento realizado por Varanda e Adorno (2004), essa variabilidade de denominações se torna ainda mais complexa quando se destaca as nomeações pelas quais os próprios sujeitos se identificam. Segundo os autores, é comum entre aqueles que dormem nas ruas, o uso do termo “maloqueiro”, como referência justamente à “maloca” ou “mocó” – lugar de permanência de pequenos grupos durante o dia, ou usado para o pernoite, com normalmente, colchões velhos, algum canto reservado para os pertences pessoais (roupas e documentos) e, às vezes, utensílios de cozinha – . Os que se utilizam de albergues são chamados de “albergado”. Provindo dos trabalhadores que transitavam de uma cidade para outra ou de pequenas áreas agrícolas para outra, “trecheiro” também é um nome bastante utilizado. De acordo com Vieira, Bezerra e Rosa de 1994 citado por De Lucca (2011) estes se opõem aos “pardais”, que são, na sua visão, os moradores de rua, que se fixam e não trabalham. Termos como “mendigos” ou “pedintes”, praticamente não aparecem em trabalho e pesquisas, tanto de cunho acadêmico como oficial, mas ainda possuem bastante força no imaginário social acerca dessa população.

Varanda e Adorno (2004) ressaltam ainda que os usuários de álcool são chamados de “bêbados”, “bebuns” ou “alcoólatras”. Há também o uso de outros entorpecentes, sendo os usuários de outras drogas chamados de “nóia”, “noinha”. Importante observar, contudo, que essa variabilidade de denominações se torna ainda maior, quando confrontada com outros espaços e regiões do país, com outras gírias e chamamentos.

Mattos e Ferreira (2004) também reúnem uma série de representações da população de rua a partir de depoimentos desses sujeitos sobre como outras pessoas referem-se a eles, destacando as imagens de “vagabundo”, “coitadinha”, “suja”, “louca” e “perigosa”.

Bento e Barreto (2002) destacam a variabilidade terminológica e conceitual no processo de estudo e pesquisa sobre a PSR, no contexto europeu, especificamente no português. É interessante observar o inventário construído pelos autores, guardadas, obviamente, as devidas ressalvas quanto a especificidades linguísticas e

culturais. Em forma de um quadro comparativo, os autores apresentam as seguintes especificidades terminológicas.

O vagabundo ou vagamundo (do latim <i>vagari</i>) é aquele que vagueia e não tem casa, corre o mundo sem finalidade determinada, um ser errante e errático, sem rumo fixo. É também utilizado como sinônimo de inconstante e instável.
O vadio é aquele que não trabalha nem tem modo de vida, vagamundo ocioso e mandrião.
O ocioso é aquele que não trabalha, <i>é um dos elementos jurídicos que caracterizam o mendigo-vadio</i> (Fatela, 1989).
O mendigo (latino <i>mendicu</i>) é aquele que pede esmola.
O indigente (latim <i>indigente</i>) é a pessoa muito pobre, que vive na miséria, na pobreza absoluta.
Segundo Buescu (1984), em Monsanto (Beira Baixa) usam-se ainda termos como andino ou indino (vadio), regalão (ocioso) e unto-sem-sal (pessoa sem atividade).
Sem-abrigo é a tradução do Francês <i>sansabri</i> e do inglês <i>homeless</i> .
Em francês, na Idade Média, dizia-se <i>ruffians</i> , <i>oyseux</i> , <i>mâraux</i> ou <i>caymands</i> para descrever os vagabundos (Damon, 1998).
Sansabri (1935) reenvia a uma <i>idéia de falta de habitat mínimo, que protegia o homem do frio, do vento ou da chuva, que, da mesma maneira que a alimentação e/ou o vestuário, assegura uma necessidade essencial à sobrevivência humana</i> (Thomas 1997).
Sans logis (1893) reenvia para a falta de habitação e de um lugar de vida social (Thomas, 1997).
Sans-domicile-fixe (1969) provém da terminologia da lei francesa de 3 de Julho de 1969, que refere <i>as pessoas circulando em França sem domicílio nem residência fixa</i> (Thomas, 1997).
Houseless refere a simples falta de uma residência física, ao passo que <i>homeless</i> é a pessoa que, além da falta de residência, tem algum grau de isolamento social ou de desafiliação. Ou seja, a noção de <i>homeless</i> é uma equação de duas partes, em que uma representa a ausência de residência

física e a outra a ausência de recursos e laços comunitários que lhe permitam reverter a situação.

In: Bento e Barreto (2002)

A riqueza de denominações e representações que estão associadas à PSR é bastante evidente. De acordo com Declerck (2006), além de uma indefinição própria (concreta e simbólica), que cerca essa população, existe uma vontade de estabelecer distinções no sentido de classificar e hierarquizar e, ao mesmo tempo, colocar a distância “a surda e angustiante anomia dessa população” (DECLERCK, 2006 p.11).

2.2. O contexto histórico da população de rua no Brasil

O contexto histórico será analisado de forma singular, de maneira a compreender os fatos e razões, tendo como base essa população em caráter técnico-político (DE LUCCA, 2011).

Segundo Michel Foucault (2002) citado por De Lucca (2011) a forma de investigar as experiências de uma maneira histórica se define através dos problemas existentes na população em situação de rua, buscando fatos e razões políticas para a solução desses problemas. No estudo de De Lucca (2011) é abordado contextos históricos, processos cotidianos, e experiências vivenciadas para problematizar a respeito da população em situação de rua.

Para Michel Foucault (2007) citado por De Lucca (2011) existem dois tipos de poder do povo, e que são distintos, sendo o “poder pastoral” inserido pelo cristianismo, como uma maneira de cuidar e garantir a salvação dos fiéis. E o poder da “governabilidade” que tem como intuito um pensamento político de gestão para a população.

Em 1950 é fundada a Organização do Auxílio Fraterno – OAF que tinha como função, a prática de caridade, desenvolvida por freiras que se apresentavam como “oblatas”, que apesar de não terem o costume de proximidade com o grupo analisado, possuíam uma preocupação passando a se dedicar com afinco a esses grupos.(DE LUCCA, 2011)

No final dos anos setenta, os colaboradores da OAF escreveram um livro, sendo publicado em 1982 com o título “Somos um povo que quer viver”, onde conta relatos de transformação vivenciadas pela Organização. Nota -se em uma pequena

parte do livro os pensamentos da população pobre que vive na “periferia do centro”, sendo camufladas por centenas de pessoas que caminham no meio de São Paulo. A figura da pobreza, identificada por “marginalidade” que “agora sofrem as fortes influências religiosas e políticas da época, vai ser reconhecida também como um “povo” que vive em outra periferia, a do centro” (DE LUCCA, 2011. p. 6).

As atividades desenvolvidas pela OAF eram vistas pelos seus integrantes como uma grande ação cristã, voltada aos que realmente necessitam. Com o decorrer do tempo, mudanças radicais ocorreram, de forma a delimitar o “povo sofrido e sem casa da região central”, redimensionando os planos acerca das atividades realizadas pela OAF. Nenuca, a principal orientadora do grupo de assistidos afirma ter perdido o direito de usufruir e fazer escolhas nos serviços ofertados pela OAF. Ocorreu uma escolha arriscada de mover o individual para o coletivo, pois não se acreditava que os então “mendigos” pudessem trabalhar em grupo (DE LUCCA, 2011).

Em um momento que estão se questionando “quem são estas pessoas que vivem nas ruas?”, surge no ano de 1978 uma atividade desenvolvida pelas oblatas, a qual seria um teatro, um espaço onde as pessoas poderiam falar de si mesmas, sobre seus problemas pessoais, e através das falas conseguiriam estabelecer vínculos, para crescer a consciência sobre a “classe dos maloqueiros”. Através dessas experiências vão surgindo nomes e identificações capazes de mostrar significados. Regina Maria Manoel oblata da OAF relata sobre a importância do teatro:

Neste teatro, as pessoas que representavam quem não era da rua chamavam os da rua de maloqueiro, e aí eles respondiam que eles não eram maloqueiros, eles eram sofrendores. E isso ficou muito forte para gente, e essa denominação de sofrendores veio deles (..) em 80 a gente fez a Missão novamente em setembro e decidimos fazer a primeira caminhada. Foi aí que decidimos sair para rua. Até então a gente nunca ia para rua, até então era mais um trabalho ainda mais local. Aí depois nós fomos para rua, tinha a sopa aqui na rua. No viaduto, porque um dos objetivos era esse de dar visibilidade (Regina, citado por De Lucca, 2011. p.11).

Nessa época, a população urbana pela primeira vez passava na frente da metade da população nacional, as oblatas se inseriram nas ruas e ocupações no centro de São Paulo, descobrindo os “marginais”. Mais ou menos na década de noventa, a OAF desenvolvia várias práticas de trabalho.

A organização desenvolvia inúmeras atividades, coordenava um espaço de trabalho coletivo, a Oficina São Bento; uma residência para meninos, a Casa dos Jovens; um abrigo noturno para pessoas em situação de transitoriedade que, posteriormente e sob outra coordenação, ficou conhecido como albergue Ligia Jardim; além disso, desenvolvia a já citada Ronda Noturna, quando então se saía na noite com instrumentos (Fortuna cantava e tocava violão),

alimentos e se conversava e se interagia com meninos de rua, migrantes desempregados, mulheres solteiras e outros personagens da noite; também se tinha várias atividades durante o dia, como o acompanhamento dos doentes nos hospitais, o apoio no processo legal de alguns prisioneiros, bem como encaminhamentos e conversas no interior das prisões (onde, inclusive, numa rebelião Fortuna tornou-se refém dos prisioneiros). (DE LUCCA, 2007. p.5)

De Lucca (2011) conta a trajetória de vida de Fortuna uma mulher pernambucana nascida no final da década de 1920, de uma família numerosa e pobre. Sempre com uma dedicação desde a infância pela religião, começou a frequentar o espaço religioso, tendo conhecido o padre Ignácio que era intitulado de “ideias estranhas” por pregar sobre a vida religiosa unindo-se no pensamento aos mais pobres. Fortuna mesmo sabendo que sua família não iria concordar com essa dedicação proferida aos pobres, decide entrar para a fraternidade de São Bento, onde faria votos de pobreza, obediência e castidade. No ano de 1968, chega em São Paulo para conviver com as outras oblatas e trabalhar em uma fábrica, onde era considerado de grande importância o valor moral e as experiências operárias.

Após um ano na oficina, Fortuna inicia seus trabalhos na OAF onde desenvolveria práticas com “marginais” termo muito utilizado naquela época devido as “teorias da marginalidade social” que são consideradas as pessoas que estão “à margem da sociedade” como desempregados, migrantes e trabalhadores inferiorizados pelo mercado (BERLINCK 1997, PERLMAN, 1977 citado por DE LUCCA, 2011). A OAF começou a trabalhar diretamente com pessoas “marginalizadas” e abandonadas, distinguindo a “marginalidade” da “criminalidade” que passou a ser olhado por outros atores sociais político-religioso (DE LUCCA, 2011).

Em um tempo de muitas manifestações políticas e ações de mobilização, passou-se a existir uma busca pelos elementos e formas, a fim de corroborar para o nascimento de como fazer política (DE LUCCA, 2011).

O nascimento de novos atores se deu em uma época onde menos da metade da população habitava em áreas irregulares, passando a ocorrer uma ligação entre a justiça social, a democracia política e as injustiças sociais. Os elementos caracterizadores são demonstrados pelo autor:

Estes três elementos – a Igreja Católica, o sindicalismo e o marxismo universitário – comporiam a matriz discursiva daquilo que ficou conhecido posteriormente pela literatura especializada como “campo movimentista”, um complexo discursivo plural que, numa aliança conjuntural, articulava ações na possibilidade de expressar identidades e interesses em oposição aos

propostos e impostos pelo regime militar que então vigorava no país (SADER, 1988 citado por DE LUCCA, 2011. p. 8)

Luis Kohara, uma das pessoas que colaborava com a OAF, fala que a partir das experiências com a comunidade pobre, passou-se a existir uma preocupação acerca da amplitude daquela realidade, a fim de entender que as pessoas que residem nas ruas necessitam de um reconhecimento na estrutura social:

[...] Partindo das experiências das comunidades de base, a partir do que colocava a Teologia da Libertação, a libertação vindo dos pobres, onde você via a pedagogia de Paulo Freire, onde reconhecia o saber de cada um, um saber que tem que ser desenvolvido, que tem valor, que tem competência. Competência também já era uma palavra nova na época. O processo era o de reconhecer naquela pessoa da rua uma capacidade e também reconhecê-la dentro de uma estrutura social. (Luis Kohara, citado por DE LUCCA, 2011. p.8)

A “comunidade na periferia do centro”, instituída pelas oblatas, tinha como obstáculo transformar a ideia de que “mazelas sociais” fossem visualizadas em um efeito de “ordem social injusta”. Segundo Luis Kohara elas traziam a ideia de que o “povo da rua” não era “maloqueiro” e sim sofredor, que não viviam sozinhos, mas sim faziam parte da sociedade (DE LUCCA, 2011).

Com essa ideia de povo, passa-se a pensar em uma transformação dos pobres e marginalizados do centro, a fim de formar uma comunidade para uma transformação social. Alderon Costa, um dos fundadores do Centro de Documentação e Comunicação dos Marginalizados – CDCM, fala que: ao pensar na ajuda da população para a mudança do mundo, era visto como uma “coisa de louco”. Para que essa transformação ocorra, era necessário estar preparado e acreditar na inclusão da população na sociedade (DE LUCCA, 2011).

O objetivo do trabalho do CDCM, conforme Alderon Costa, é levar a palavra de Deus para os sobreviventes que vivem nas ruas, como uma maneira de revolução e salvação, buscando também negar uma ordem social, que para eles era injusta (DE LUCCA, 2011).

Através dos estudos de Escorel (1999) e Rosa (2005) citado por De Lucca (2011) sobre moradores de rua é possível visualizar a história de uma figura central deste estudo, Carlos Fabrizio, onde mostra que uma pessoa pode percorrer um caminho de perdas se distanciando da família e do trabalho, se aproximando de entorpecentes e levando ao caminho da rua.

Ao viver nesse ambiente, Carlos descobre uma fonte de renda advinda da catação de resíduos e as várias vivências que este trabalho o proporcionou, como os lugares de coleta. Através do seu trabalho e habilidades, Carlos inicia a confecção e venda de carroças, com a finalidade de abrigo e renda (DE LUCCA, 2011).

Com o aumento do desemprego nos anos de 1980, cresce também as notícias na imprensa e segundo um estudo de periódicos realizado por Cleisa Rosa (1999) citado por De Lucca (2011), as reportagens relacionadas às pessoas que “mendigam” e vivem nos diversos lugares da rua, tais como viadutos, casas abandonadas etc, crescem juntamente com múltiplos tipos de nomeações a essa população como pobres de rua; desabrigados; indigentes; cidadãos de rua e muitos outros. A figura que se mostra da pobreza nas ruas é suprida pela catação, uma forma de se alocarem no mundo do trabalho e deixarem de ser “só” vagabundos.

Em 1984, Carlos conhece a Comunidade dos Sofredores de Rua, organizado pelas oblatas, falando que a experiência modificou a sua maneira de visualizar o mundo, melhorando a sua vivência. A comunidade era naquele momento, o único ambiente de referência de vida e trabalho voltado para as ruas de São Paulo. Carlos relata a sua experiência na Comunidade dos Sofredores de Rua “[...] já dava uma alternativa para a gente, porque lá a gente ficava sabendo das coisas, ouvia as coisas que estavam acontecendo na rua” (DE LUCCA, 2011. p.15)

Eram realizadas reuniões em um centro comunitário, que discutiam vários temas, onde o principal era o desemprego e o trabalho por eles realizado. Em certo período, surgiu a ideia de criar uma associação de catadores, sendo concretizada no ano de 1985, contando com a ajuda de Luiza Erundina, vereadora de São Paulo (DE LUCCA, 2011)

Em 1985, o país passava por um processo de redemocratização, onde o cenário que se via das ruas era de repressão e violência, ocorrendo a expulsão de todas as pessoas ditas “vagabundas”; pobres; com vestimenta “não adequada”; sem documentação para se identificar e que reviravam os lixos. Essa catação de resíduos era a forma que tanto os participantes da comunidade dos Sofredores de Rua, quanto outros que andavam nas ruas do centro da cidade, tinham de buscar renda com a finalidade de sobrevivência (DE LUCCA, 2011).

No ano de 1989, é concebida a Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis – COOPAMARE, tendo como presidente Carlos, tornando-se a primeira cooperativa de resíduos recicláveis do Brasil. Na

década seguinte, a catação de lixo se torna centro da “luta política pela profissionalização e pelo direito ao trabalho nas ruas” (DE LUCCA, 2011. p.17).

Com a vitória de Luiza Erudina nas eleições de 1989, da prefeitura de São Paulo, estava previsto uma configuração nas práticas relacionadas que à rua e a população que nela vivia. A nova prefeitura tinha uma ligação política com organizações de São Paulo, que Luiza fazia parte, sendo fundamental uma articulação com essas organizações (DE LUCCA, 2011).

A conhecimento das pessoas que viviam nas ruas, ligadas à Comunidade dos Sofredores de Rua, quase nada se sabia, pois não se tinha noção da quantidade; de onde se originaram; e o fundamental, o que fazer como aquelas pessoas, Isso, porque “as respostas políticas e as práticas institucionais existentes não eram consideradas mais eficazes no tratamento deste público tão singular”. (DE LUCCA, 2011. p. 18)

Nesse governo foi realizado várias parcerias com organizações, a fim de implantar serviços específicos para a população em situação de rua. A primeira foi a Comunidade São Martinho de Lima, estando também nessa vinculação o Centro de Documentação dos Marginalizados – CDCM e outras mais associações, sendo realizada diversas ações, algumas com a responsabilidade da prefeitura, como por exemplo “A acolhida do frio” , que desenvolvida pelas oblatas da OAF, que consistia na arrecadação de agasalhos a serem distribuídos para a população que se encontrava nas ruas (DE LUCCA, 2011).

No ano de 1991, no dia 10 de maio, ocorre a primeira manifestação realizada pelas pessoas de rua, sendo denominada o Dia de Luta da População de Rua, a fim de forçar o poder público a atuar no que tange os direitos da população de rua, tais como: o direito à moradia; saúde digna; lugares para ficar durante o inverno; tratamento com dignidade e nenhuma violência por parte da polícia. Ao decorrer dos tempos o dia de Luta se torna um grande marco (DE LUCCA, 2011).

A primeira pesquisa sistemática e quantitativa foi elaborada por quase todas as organizações sociais, a pedido da Prefeitura Municipal de São Paulo, e teve como denominação “população de rua”, sendo nela encontrada levantamentos do Censo Nacional. Acreditava-se que existiam no Brasil, cerca de 5.000 a 100.000 pessoas nas ruas, um dado que não era certo, pois com uma “realidade mensurável” constatou-se que existiam 3.392 pessoas vivendo nas ruas do centro da cidade de São Paulo, sendo que a maioria são homens e pessoas que migraram de outros estados (DE LUCCA, 2011).

Essas pessoas, possuíam um histórico de trabalho informal, muitas vezes precário, pois o desenvolvimento se dava nas ruas. Sendo assim, passam a ser notadas pelo poder público e pela sociedade, possuindo o estereótipo de “vagabundos” e que não tem vontade de trabalhar (DE LUCCA, 2011).

No estudo de Vieira, Bezerra e Rosa de 1994 citado por De Lucca (2011), mostra que através das identificações de permanência na rua surgem diversas denominações para ficar na rua; ser da rua e estar na rua. A rua torna as pessoas singulares, e quanto mais o tempo passa mais essas pessoas ficam “acostumadas” com a moradia na rua, criando uma estabilidade.

A PSR, a partir da prefeitura de Erudina, passa a ser considerada um problema público. Deste modo, “o problema da gestão da população de rua entrou definitivamente no domínio das práticas e reflexões governamentais”. Também se têm as organizações não-governamentais que se juntam na política para auxílio da “Organização do Auxílio Fraternal” (DE LUCCA, 2011. p.22).

Através dos pedidos e protestos, a população de rua ganha voz e força, fazendo com que os estereótipos e nomeações passem a ser vistos de maneira negativa nos discursos públicos. Isso contribui com a criação de um “novo nome”, sem características ofensivas e estigmatizadas.

Anunciada por uma linguagem autorizada capaz de qualificar mais precisamente a questão de maneira a torná-la compreensível e reconhecível num espaço social mais amplo, esta realidade, antes institucionalmente invisível, inumerável e anônima, ganha visibilidade, número e nome próprio: população de rua (DE LUCCA, 2011. p.22)

No ano de 1993, com o novo prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, ocorrem mudanças no partido-político, onde foram desfeitas algumas parcerias e também reduzidas algumas verbas que eram destinadas a população de rua. Durante esses anos, surge a figura do Padre Julio Lancelotti, responsável por ajudar a população de rua através da Pastoral de Rua e Pastoral do Menor, tendo por diversas vezes que enfrentar esse novo governo (DE LUCCA, 2011).

A partir do decreto assinado por Marta Suplicy foi possível regulamentar a lei nº 12.316 do ano de 1997, nela consta o nome “população de rua” e nela o direito de ser uma “categoria social”. Mais mesmo com a lei os conflitos não acabaram e sim deram vazão a outros como o cumprimento da mesma, que dura até hoje (DE LUCCA, 2011).

Em 1998, no mês de maio, ocorreu o oitavo Dia de Luta da População de Rua, que contou com a participação da COOPAMARE, do Padre Julio, das associações, dos políticos e dos próprios moradores de rua. Na mobilização foi possível pela primeira vez, após o governo da prefeita Erundina, ter um encontro com a prefeitura da cidade de São Paulo. No referido encontro, com o então prefeito Celso Pitta:

Como resultado deste encontro com Pitta, além dele “desistir” da ação de inconstitucionalidade da Lei e abrir a primeira frente de trabalho para esta população, cria novas vagas em albergues, ampliando mais o conjunto dos serviços voltados a este público (DE LUCCA, 2011. p.25)

Na década de 1990, o fortalecimento das conexões das instituições acerca do morador de rua, gerou embates entre poderes públicos e as instituições de atendimento. De acordo com uma pesquisa realizada nos anos de 2000 e 2003, pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE, com usuários de equipamentos - são as pessoas que usufruem dos locais de acolhimento - e com as pessoas que permanecem nas ruas, constatou-se em cada ano um aumento dessas pessoas. Foi possível verificar que: “[...] em 1994 eram 4.549, em 1996 eram 5.334, em 1998 foram contadas 6.453 pessoas, em 2000 eram 8.706 e em 2003 o número saltou para 10.394”. Hoje a estimativa é de 15.000 pessoas que vivem nas ruas, sendo a maioria homens (DE LUCCA, 2011. p. 26).

Outro importante ator na luta pelo direito da PSR é Anderson Lopes. Merece destaque sua história de vida, bem como sua trajetória, junto aos meios sociais, políticos, na busca por representação e visibilidade da PSR.

Anderson Lopes, nascido na cidade de São Paulo em 1975, aos três meses de idade foi abandonado pela sua mãe. Após o abandono é enviado a um orfanato, que atribui como um “depósito de crianças”, onde vive até os quinze anos. Logo após começa a estudar e trabalhar e no seu primeiro trabalho sofre uma injustiça por conta de outra pessoa, sendo mandado embora do trabalho e da república onde morava, passando a morar nas ruas, em busca de instituições, como albergues, que possam acolhê-lo (DE LUCCA, 2011).

Após muitas batalhas na busca de empregos e moradias, Anderson é chamado para residir no centro comunitário da Comunidade dos Sofredores de Rua, onde em volta existem casas pequenas, que mesmo em péssimas condições físicas, foram ocupadas e, após alugadas. No ano de 1996 começa a trabalhar na COOPAMARE, e depois de um tempo se torna parte da diretoria onde conta da importância desse

trabalho: “[...] até hoje a educação que eu tenho de liderança e tudo mais, foi resultado das reuniões, dos grupos de trabalho e da organização que aprendi ali” (DE LUCCA, 2011. p.28).

Após não se estabilizar em nenhum emprego, sai da cidade e começa a viajar pelos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, trajetos percorridos a pé e pegando caronas, passa por várias situações de risco, e adquire experiências (DE LUCCA, 2011).

Ao retornar para a cidade de São Paulo, Anderson entra no Fórum da População de Rua, um ambiente de conversa a fim de preparar grupos para a 1ª Marcha Nacional da População de Rua em Brasília, que contou com mais de 3.000 pessoas de rua, proporcionando o 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (DE LUCCA, 2011).

Em 2004, aconteceu o “Massacre do Povo de Rua” sendo a ação contra a população de rua que mais repercutiu nas mídias durante essa época. Anderson fala sobre esse “massacre” e afirma que os direitos não estão sendo executados pelo Estado, o que acabou resultando na criação do Movimento Nacional de Luta e Defesa pelos Direitos da População em Situação de Rua – MNPR, na qual Anderson participava juntamente com pessoas que representavam a população de rua. Segundo Anderson, “O que o movimento quer não é tirar a pessoa da rua, ela tem direito de ficar lá. Mas ela também tem direito de sair de lá. Então, a gente luta para que as pessoas que estão na rua tenham a possibilidade de escolher o que querem da vida. (...)” (DE LUCCA, 2011. p. 30).

Atualmente, Anderson é o principal líder do MNPR na cidade de São Paulo, realizando várias reuniões com o Grupo de Trabalho Interministerial – GTI a fim de construir políticas públicas federais (DE LUCCA, 2011).

Em 2008, Lula o então presidente do Brasil naquela época, vai a Baixada do Glicério para uma visita, e Anderson teve a oportunidade de falar para “uma plateia de cerca de mil pessoas, com várias autoridades públicas e câmeras de televisão” (DE LUCCA, 2011).

Jacques Donzelot citado De Lucca (2011) busca discutir a questão social da população de rua, com o objetivo de mostrar que as pessoas de rua devem ser vistas como um “problema” público coletivo, para que possam deixar de ser “unicamente alvo de violência e repressão estatal tornando-se também objeto de assistência e proteção formalizada” (DE LUCCA, 2011. p.33)

A população em situação de rua convive com muitas dificuldades, podendo ser internas do próprio indivíduo morador de rua, mas também externas, como por exemplo a forma que ele é visto pela sociedade em geral, nas diversas opiniões, os sentimentos de maneira positiva, e os de maneira negativa, sendo uma problemática muito complexa, pois já vivenciam o pauperismo e as suas consequências (DE LUCCA, 2011).

Segundo Giorgetti (2006) citado por De Lucca (2011) não basta fazer comparações de lugares, deve-se analisar as experiências de cada local, as condições dos ambientes, para trazer um resultado para uma melhoria satisfatória.

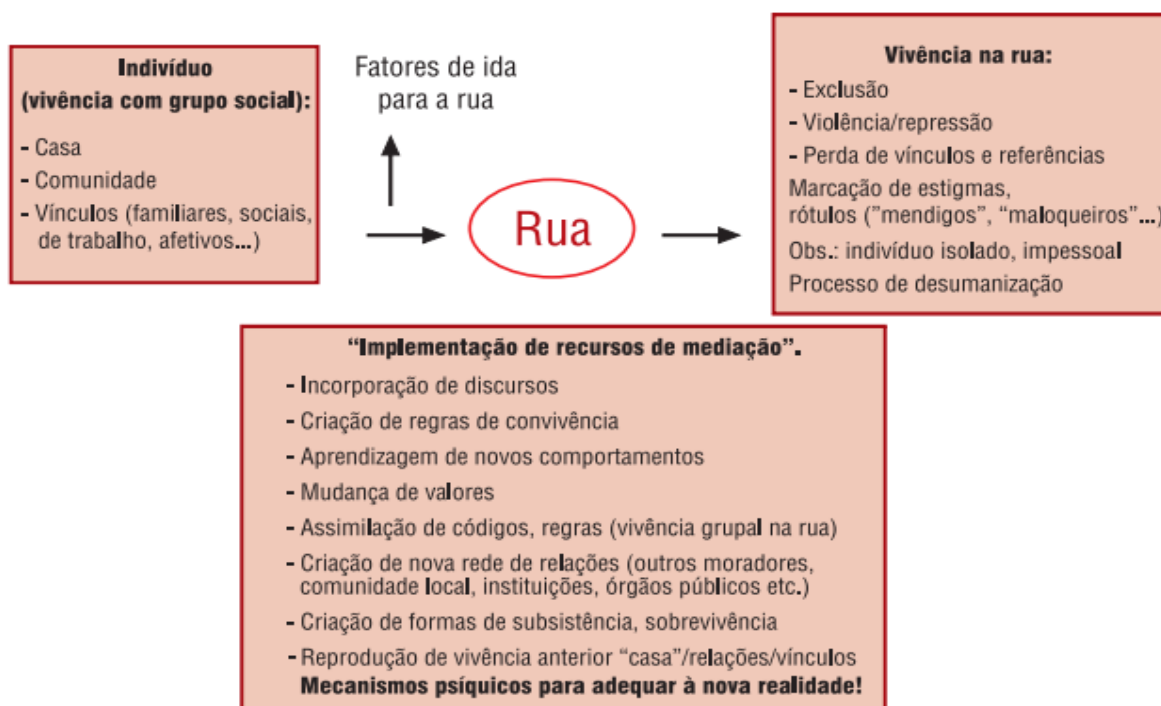
Então deve-se ter um olhar social com a PSR, a fim de tentar compreender os empasses, que ocorrem diariamente através das condições de vida, e ou do tratamento que as mesmas recebem pelo fato de estarem nas ruas, acreditando-se que não têm importância quem as ajude, se é o governo ou uma entidade religiosa, mais sim se a ação trará benefícios para essa população em situação de rua (DE LUCCA, 2011).

2.3. Saúde nas ruas

A População em situação de rua está sujeita a vivenciar diversas realidades que os forçam a buscarem novas adaptações, de forma a enfrentar, superar e até mesmo transformar as dificuldades no seu cotidiano, assim procurando caminhos psíquicos para se adaptarem a real situação de viver nas ruas. (GROTBERG, 1995 citado por BRASIL, 2012).

A figura abaixo nos mostra como encarar essa real necessidade da PSR, através de estratégias para atenção à saúde e o cuidado da PSR. Assim desenvolvendo ações que visem o acesso e o cuidado integral, assegurando que seja cumprido todos os princípios do Sistema Único de Saúde – SUS, como um direito fundamental a qualquer cidadão. E como esses fatores cotidianos vivenciados nas ruas podem influenciar no que se diz respeito a psicodinâmicas.

PSICODINÂMICAS DA VIDA NAS RUAS



Fonte: Projeto Meio Fio – Organização Médicos sem Fronteiras, 2004 citado por Brasil, 2012.

A rua pode apresentar diversos riscos, sendo que muitos deles podem ser prejudiciais à saúde da população, como: o risco de contrair uma doença; as questões de vulnerabilidade; violências; contaminações através de alimentos e a água; mudança climática e diversos outros fatores (BRASIL,2012).

Há pessoas que vão para a rua por problemas de saúde, mais há também quem vai e adquire um problema de saúde nas ruas. Segundo a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de rua 7 por cento dos entrevistados disseram que a causa de irem para as ruas foi devido a “problemas de saúde”. (BRASIL, 2009). Para enfrentar essas dificuldades e esses problemas de saúde é necessário que haja uma abordagem específica e um grande auxiliador nesse papel é o consultório na rua.

O consultório na rua foi estabelecido em 2011 pela Política Nacional de Atenção básica, visando aumentar o acesso da PSR, de forma a ofertar um atendimento integral aos serviços de saúde. São equipes multiprofissionais de diversas áreas que atuam no desenvolvimento de práticas integrais de saúde a partir da necessidade da PSR. Essas práticas são desenvolvidas de maneira transitória, e quando se precisa é realizado parceria com as Unidades Básicas de saúde da mesma localidade, e pode também desenvolver ações com os centros de Atenção Psicossocial, os serviços de Urgência e Emergência e outros serviços de saúde.

Segundo a Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2011 onde define as diretrizes que organiza as funções das equipes do Consultório na rua. No artigo 3º é apresentado as 3 modalidades das equipes do consultório na rua: 1º modalidade, a equipe é formada por no mínimo 4 profissionais, sendo obrigatório 2 profissionais de nível superior; e 2 profissionais de nível médio;

2º modalidade, a equipe é formada por no mínimo 6 profissionais, sendo obrigatório 3 profissionais de nível superior; e 3 profissionais de nível médio;

3º equipe da modalidade 2º acrescentando um médico.

E no artigo 4º As equipes do Consultório na rua serão formadas por Enfermeiros, Psicólogos, Assistentes Sociais, Terapeutas Ocupacionais, Agentes Sociais, Técnicos ou Auxiliares de Enfermagem, técnicos em Saúde Bucal, Cirurgiões Dentistas, profissionais de Educação Física e profissionais com formação em Arte e Educação.

É necessário que haja a criação de vínculos com a PSR, deve haver um respeito a autonomia, dando direitos de escolha e assim evitar normas, são ações que devem ser praticadas pelos trabalhadores na área da saúde mesmo sendo um grande desafio. Então o primeiro passo é treinar esse profissional para ver a PSR como detentoras de direitos (BRASIL, 2012).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Analisar o que é a rua para a população em situação de rua e os profissionais do Consultório na rua.

3.2. Objetivos Específicos

Descrever as falas da população em situação de rua e os profissionais do consultório na rua.

Comparar as falas da população em situação de rua aos dos profissionais do consultório na rua.

4. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica audiovisual, qualitativa, de caráter descritivo, comparativo, com base em fontes secundárias. A busca foi feita na base de dados do Observatório de Saúde da População em Situação de Rua, disponível na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, nos canais observatório Pop Rua e Fratura Exposta Produções.

A utilização de imagens vem progressivamente ocupando um lugar privilegiado no campo da pesquisa, em particular, das Ciências Humanas e Sociais. Essa operação metodológica envolvendo a imagem estática ou em movimento pode ser material de observação e análise.

Neste cenário, novas perspectivas teórico-metodológicas surgem como tendência para a elaboração e construção de conhecimento, revisitando modelos, apresentando-nos dimensões de registro que permeiam outra lógica do pensar. Vencendo o estigma de simples registro instantâneo, automatizado e raso em conteúdo formal, a documentação visual amplia a capacidade de registro histórico, redefine leituras e, assim como as narrativas biográficas, desloca o lugar do emissor da mensagem.

Escolhendo a linguagem audiovisual como uma das estratégias metodológicas para representar a realidade, pretende-se lançar de mais uma forma de aproximação com a temática em questão. Ou seja, a partir de imagens captadas do que foi possível observar, optou-se por construir a narrativa de modo a ser possível a sua revisitação pelos mais diversos olhares durante o processo de análise do material coletado ou até mesmo posteriormente.

Para Santaella (2001), a importância e a força da fotografia em especial, mas da linguagem visual de maneira geral, são descritas de forma recorrente como a duplicação dos atos e dos fatos cotidianos. Diferente da transmissão oral ou escrita, na qual temos a possibilidade de interromper o fluxo entre o emissor e o receptor, na linguagem visual, o impacto afetivo toma a dianteira. Quando da imediata identificação da cena que se oferece, difícil conter manifestações de alegria, terror, espanto, entre tantas outras. Esta estratégia arrebatadora, que toma o receptor sem autorização prévia, desconcentra e desconstrói qualquer pretensa barreira racional.

Segundo Silva (2005), a revisão bibliográfica contribui na investigação, na análise, na elaboração da linha de pesquisa, e também pode está relacionado na problematização de pesquisa. Ela, antes de tudo, auxilia na averiguação da situação atual do tema ou do problema que se deseja pesquisar. A pesquisa bibliográfica está alicerçada na análise do material já existente, que pode vir em diversos formatos. Ela, antes de tudo, ajuda a averiguar a situação atual do tema ou do problema que se deseja pesquisar.

O método utilizado na pesquisa é a análise de conteúdo, foi utilizado as falas da população em situação de rua e os profissionais do consultório na rua através do material audiovisual, sendo considerado os critérios de inclusão os vídeos disponibilizados que em suas falas houvesse a resposta central desse estudo: “o que é a rua pra você” , como critério de exclusão foram descartados aqueles que não houvesse nas falas a resposta “o que é a rua pra você”, para isso todo o material áudio visual foi assistidos por completo .

A princípio o material foi disponibilizado diretamente pelo Observatório de Saúde da População em Situação de Rua, sendo entregues 11 vídeos iniciais somente com as falas da população em situação de rua, a duração em média dos vídeos era de 10 a 20 minutos, desses, apenas 6 foram escolhidos devido aos critérios de inclusão e exclusão.

Após com a abertura do canal Observatório Pop Rua disponível no link:

<https://www.youtube.com/channel/UC7FrcgWP6KpsyL1I3t5HUqw>

E o canal do Fratura exposta Produções disponível no link:

<https://www.youtube.com/channel/UCO1diHAH4e-caPZztNdYYiQ>

Ambos podem ser encontrados na plataforma YouTube onde é possível coletar o restante do material. No canal do Observatório Pop Rua foram assistidos 14 vídeos da população em situação de rua, sendo incluídos para a pesquisa mais 10 vídeos, totalizando 16 vídeos.

Logo após, foi decidido incluir nesse estudo os vídeos dos profissionais da saúde para uma análise comparativa. No canal do observatório Pop Rua foram assistidos 6 vídeos, sendo incluído nessa pesquisa 3 vídeos.

No canal Fratura exposta Produções foram assistidos 2 vídeos e os 2 foram incluídos na pesquisa, totalizando 5 vídeos, e por coincidência todos vídeos incluídos eram dos profissionais do consultório na rua.

Desses vídeos foram transcritos somente a parte que o entrevistado respondia à pergunta central desta pesquisa. Ao final, foram utilizados 16 vídeos referente a população em situação de rua que totalizaram 7 minutos e 45 segundos de vídeos transcritos, e 5 vídeos referentes aos profissionais do consultório na rua, que totalizaram 6 minutos e 1 segundo transcritos no tópico 5 sobre o que é a rua.

5. O QUE É A RUA

Neste capítulo serão apresentadas as falas completas da população em situação de rua e dos profissionais do consultório na rua coletada através dos vídeos. Para manter a preservação de suas identidades os mesmos receberam nomes fictícios.

5.1 População em situação de rua

José

04:26 minutos - No momento, é tudo, tudo que eu tenho, tenho um lugarzinho pra mim dormir, eu vou ali peço uma comida eu tenho, olha eu não sei, as vezes eu to andando assim ó eu nem peço, a pessoa moço o senhor já almoçou, já tomou um café, já fez isso já fez aquilo, já fez aquilo outro, não, toma o dinheiro vai lá, não peço, ai eu pego e bebo, quem mora na rua e não bebe, aponta um pra mim. 05:03 minutos

João

08:41 minutos - Ah é uma miséria, é uma droga, ou você pensa que é tão fácil se morar na rua não é fácil sabe por que que não é fácil? Por que a única coisa que eu compro aqui na rua só é pinga, porque a gente ganha roupa, calçado, comida, ganha de tudo na rua mais a única coisa que eu gasto só é na pinga, não até pinga o zoto dá mais na rua vou falar pro cê né fácil não se pegar a rua não minha fia, não oia ai ó se chover ai de vento a gente tem de correr daqui, quando a gente ta deitado aqui a agua bate tudo ai, né rua não ainda mais nesse tempo de rua ó a barraca minha como é que tá quebro por que o vento veio tão forte que as vareta quebrou ai ela só ta ai ó e como é que eu vou montar ela desse jeito, é não é fácil não agora o cara fala assim se mora na rua se num paga, isso é difícil morar na rua é difícil mesmo não é coisa de

brincadeira não, num é pra qualquer um não, pra andar pelo, esses dia mesmo a viatura veio tiro mando nos limpa tudo isso aqui lava e sumi daqui, vai pro hospital de base fica pra lá e não aparece mais aqui não, é é ruim 09:47 minutos

10:18 minutos - Isso que eu falo pse morar na rua é isso ai viver a humildade, a humildade prevalece, a pessoa que é humilde ela vive em qualquer canto, oh passei em altos estado, fui pra Bahia de a pé, vim de Goiânia de a pé, a família da minha esposa morava em Aguas Lindas fui de a pé, Brazlandia, morei numa chácara no Radio Braz, ai ó porque não quer ficar ai ó não gosta de lá, lá o cara deu casa, comida, televisão deu de tudo geladeira deu tudo pra nos , só que ai quer ficar na rua, se acha que eu queria tá aqui uma hora dessa era pra mim ta fazendo o que deitado curtindo minha televisão, mais como é que eu, a pessoa quando num gosta né, fazer o que, se acha que é fácil, num é fácil não 11:01 minutos

Entrevistador: Então tem como gosta da rua?

11:04 minutos. Não né fácil não, por que eu queria sair da rua. 11:07

Maria

11:02 minutos – Sobre esse caso da rua eu não sei informar muito não, mais não é fácil, não é fácil o senhor passa a noite e querendo ir ali atravessar ou passa numa calçada ou ficar ali procurando um cantinho pra gente passa né, é esquisito, não tem explicação a vida, dessa causa assim moradores de rua, tenho oportunidade de ter um lar mais so que eu tenho que me esforçar um pouquinho mesmo sem um parceiro do lado eu tenho que me esforçar e eu não to me esforçano muito não, vou dizer bem a realidade, mais so isso que eu posso falar 11:44 minutos

Pedro

06:40 minutos - A rua pra mim não é boa não 06:44, 06:47 a rua é muito difícil difícil sabe, sofrimento tamem,

Entrevistador: Ham?

a rua tem mais sofrimento

Entrevistador: é

Mais sofrimento 06:54 minutos

Marcos

11:10 minutos - a rua pra mim vey, é isso aqui, isso ai é a rua, quando se sai disso aqui já se torna o mundo, entendeu, tipo se você fica ancorado a tua vida toda no mesmo lugar, isso ai vai ser a rua, a rua da tua casa, a rua do teu trabalho a vida toda mais a partir do momento que você sai desse traço , dessa rotina pra outro lugar se já ta descobrindo o mundo, se não ta descobrindo mais a rua, ta ligado, se ta discursinho muito mais do que tem além de viver na rua se pode sobreviver vei, eu moro numa barraca de quatro lugar não moro na rua já né, eu tenho uma casa, montável minha casa ta vendo que praticidade eu não tenho endereço vei,ta ligado, se eu quiser sair daqui pra outro lugar eu vou pô, porque no outro lugar eu só vou monta ela ali é meu novo endereço, ta ligado, eu não tô na rua, por isso que eu falo que eu não me considero que eu tô na rua porque vei desde que você tenha um lugar onde durma ta ligado lugar onde comer que não seja a sua casa ta ligado você ta em casa, eu me sinto em casa, quando eu tô em viagens ai eu me sinto mais em casa do que dentro de uma casa mesmo, porque as vezes se eu ficar trancado dentro de uma casa a vida passa eu num vejo ta ligado eu nunca ia descobrir o que tem lá fora, agradeço muito a Deus por ele ter me jogado na rua ter falado assim vai filho tu tem coragem vai só que num fica parado que nem um pombo não vai dá um role 12:55 minutos

Antônio

02: 03 minutos - Uma escola, a rua pra mim é boa é ruim, é tudo de bom e de mal

02:10 minutos

02:14 – O trabalho, muitas coisas que a gente aprende, que a gente vê, que a gente, é uma, a rua é uma escola então a gente aprende muita coisa, então acho interessante

02:28 minutos

Vitor

03:53 minutos - Cara a rua tem vários sinônimos né, tem varias formas de dizer assim é multiformas a rua multiformas, ela se renova, ela muda né, o proceder, o caminhar ela muda né, meio que diariamente porque você vem e conhece outras pessoas de outras ideias de outras culturas também, ai você vai acrescentando também, hoje como eu já mais velho, velho assim entre aspas né, a droga que os envelhece né, nosso aspecto, nossa aparência, mais somos pessoas novas por dentro ainda, sabe.

04:31 minutos

Marcelo

00:01 A rua é uma escola sem fim, sem fim, ainda mais com a droga fica pior ainda, a subsistência da pessoa na rua, dolorosa dolorosa pô vish, depois que eu começava a fumar eu cheguei a ficar onze dias fumando cara, só bebia agua, a única coisa que entrava pela boca era agua, se acredita vei, então assim e nessa época ainda era a época que eu tava mais no crime ainda, então ficava de guarita com uma doze na mão, então os cara dava uma, é complicado 00:39.

Lucas

01:27 minutos - Pra mim a rua é uma estrada de conhecimento, onde as pessoas recebem uma educação artística 01:37 minutos

Junior

00:50 minutos - A rua é uma coisa sem lei 00:53 minutos

Mateus

01:38 minutos - A rua pra mim ah sei lá é liberdade, mais é uma liberdade que não é tão gostosa, é uma liberdade como se fosse preso 01:43 minutos

Paulo

00:09 minutos - A rua não é ruim, quem faz a rua ficar ruim é as pessoas, principalmente a sociedade porque pra ela o morador de rua é invisível, sendo que é ao contrário, na rua tem muitas pessoas inteligentes, que tem capacidade de tá dentro de um apartamento desse, ter um carrão, ter um serviço bom, só que pra pessoa chegar esse nível tem que ter apoio familiar, psicológico, principalmente da sociedade 00:41 minutos

Ana

06:25 minutos - A rua pra mim, é quem ta na rua ta brigando, tá resolvendo problema, ta indo atrás de uma carteira de trabalho, tá indo atrás de xerox, tá indo atrás de prontuário hospitalar, tá indo pra passeata ai, esse impeachment ai que eles tão querendo fazer pra tirar o Temer. 06:47 minutos

Murilo

02:32 minutos - É aquilo que tudo que eu não sabia ela me ensinou 02:35 minutos

Carlos

02:36 minutos - A rua é um lugar que você tem uma liberdade ampla, é uma liberdade não ter restrição 02:44 minutos

Caio

03:09 minutos - Rapaz, a rua pra mim é uma coisa que se a gente puder, porque a gente tem que passar pela rua, pela cidade, mais se eu pudesse tá trabalhando até um machado pra mim trabalhar, eu não prefiria estar no meio da rua não 03:22 minutos

5.2. Profissionais do consultório na rua.

Patrícia (Psicóloga do consultório na rua) Belém – PA.

00:08 A rua pra mim hoje é vida, porque lá tu encontra todo mundo, tu encontra o doutor, hoje na rua eu já encontrei o doutor que faz o uso recreativo da droga, que também quer sair daquela tensão, daquele estresse, encontro o órfão, o órfão de família mesmo, que acabou sendo captado pela rua, encontro trabalhadores igual a mim que também entro em êxtase na rua, eu fico elétrica, aquilo também funciona, aquela dinâmica funciona para mim de forma eletrizante, eu fico bem, eu acho que não consigo viver da rua, eu estou viciada na rua também, então isso é vida, não tem mais, eu não vejo a rua só a violência, tem a violência, mais também tem muita coisa boa, eu já tracei vários papos, muitos papos terapêuticos e terapêuticos até pra mim, que fizeram a minha adrenalina abaixar, que fizeram de importante, que me fizeram sentir reconhecida profissionalmente em lugares que eu nunca me sentir, então pra mim isso é rua, a rua é vida, e trabalhar na rua pra mim hoje é essencial, se me tirarem da rua eu também perca o meu equilíbrio. 01:25

Paula (gerente de equipe do consultório na rua) Rio de Janeiro - RJ

08:27 A rua é um espaço coletivo, e é um espaço democrático, público, e um espaço onde você de alguma forma por você ocupa-lo você acaba criando algumas regras entre as pessoas ali, então eu vejo a rua ser como uma possibilidade, um espaço de vivência e como espaço de vivência onde você pode fazer em qualquer lugar, na rua, na sua casa, no seu trabalho, você constrói ali laços, então eles acaba construindo

laços de convivência né, e como todo laço de convivência nem tudo é só, é de uma forma assim de paz e amor né, tem muitos conflitos que é isso mesmo a convivência ela se dá assim né, quer dizer, vai construindo a convivência em qualquer lugar dessa forma, enfrentamento de conflitos, então eles tem ali exatamente isso, eles fazem elos que se protegem e também tem situações que eles se engalfinham vamos dizer assim né, no sentido de estar construindo essa relação de convivência, mais eu entendo como um espaço democrático, espaço de vivencia e de relação mesmo de construção de relacionamento de laços. 09:31

Marcia (dentista do consultório na rua) Palmas- TO

11:39 minutos Antes de entrar nessa equipe, que ate um ano atrás eu conhecia área de vulnerabilidade social eu me formei em odontologia tem quatro anos e desde então eu atuei no SUS, a minha vida foi o SUS assim e eu sempre gostei muito dessa atuação só que ate então tudo aquilo que eu conhecia era assim beleza vou ajudar essa pessoa mais essa pessoa tem teto ela tem algo para viver, quando a gente vai para a rua que a gente chega ali para ofertar um cuidado odontológico por exemplo a pessoa vira pra mim e fala tem três dias que eu não como, tem não sei quantos dias que eu não vejo a minha família então eu digo que não há uma frase que eu possa expressar o que é a rua a gente precisa mesmo viver a rua pra gente tentar entender, e eu acho que o que fica pra população no geral é tentar se desprender um pouquinho do preconceito, tentar se despir um pouquinho dessa visão de que quem ta na rua é bandido , de quem ta na rua é pessoa que não serve pra nada de que fez isso ou fez aquilo, a pessoa se despir de verdade e conversar com a pessoa que esta ali, ali é um ser humano que tem historia, que tem uma vida, que tem sonhos por mais que para alguns deles seja tipo assim ah eu não penso em mais nada to aqui só esperando a morte chegar e a gente começar a conversar com essa pessoa e consegui reverter esse caso dela e esse pensamento, acho que a rua é isso, ver que tem vida, a rua é vida. 13:14

Suzana (Psicóloga do consultório na rua) Palmas – TO

13:23 minutos A rua pra mim é como se fosse um lar, eu vejo que é como se fosse um lar para eles, e como se aqui fosse uma cozinha, ali um banheiro, ali tem um restaurantes que ele pode comer, então eu entro nessa mesma sintonia deles, que é o lar, e eu fico no meu lar também, uma hora nos vamos a praia, eu sou a fotografa

da equipe, vocês vão ver que tudo eu tô presente, porque eu gosto de tirar todos os momentos como se ali fosse um local prazeroso embora esteja sujo e todo mundo lá daquele jeito e eu estou sempre tirando foto e me achando dentro da foto com eles, então a rua pra mim nunca foi algo diferente, mais também eu tenho um histórico porque meu pai já fazia esse trabalho pros jovens para criança, tem toda uma problemática dentro dessa situação, então a rua pra mim é um local que eu vejo, eu olho pra uma pessoa eu já sei que ele é de rua, eu tenho essa hipersensibilidade e essa percepção de olha, que eu paro o carro e olho assim e eu já sei, já bom dia, tudo bem, e ele já se aproxima porque já tenho aquela fala de olhar nos olhos e dizer pra eles olha eu estou aqui vocês precisam de alguma coisa. 14:32

Neide (Psicólogo do consultório na rua) Rio Branco - AC

18:56 minutos Pra mim é um desafio a cada dia, quando eu saio pra rua eu não sei o que eu vou encontrar naquele dia, e assim internamente como profissional eu me proponho aos desafios de cada dia supera-los, alcançar êxitos, e a população de rua como a Vanessa já mencionou perpassa todo e qualquer classe social, acadêmico, cultural, eu já conversei com ex professores universitários, ex bancários, que ainda tem condição, contradição vamos dizer assim, quando encontram alguém para escuta-los, dialogar minimamente em um nível semelhante eles ficam assim maravilhados, maravilhados em uma conversa. 19:53

6. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise dos dados coletados serão apresentados através de eixos temáticos, escolhidos por se apresentarem com uma certa frequência nas falas dos moradores de rua e dos profissionais do consultório na rua. Os eixos escolhidos para a presente pesquisa são: as facilidades e dificuldades de morar na rua; o conhecimento encontrado na rua; o uso de álcool e drogas; trabalho e o que é a rua.

O primeiro eixo se trata facilidades e dificuldades de morar na rua, aqui serão apresentadas as opiniões sobre as suas vivências e como morar na rua pode influenciar nesse contexto.

A sobrevivência principalmente para a população em situação de rua, é experimentada através de vínculos sociais, por diversas questões podem se romper ou se firmar, e formar experiências ao decorrer da vida (BASTOS, 2003; VARANDA; ADORNO, 2004 citado por Borges e Almeida 2017). Essas experiências podem designar a sua visão pessoal para com a rua, e suas consequências tendo aspectos positivos e ou negativos.

Como mostra Antônio em sua resposta a rua pode apresentar coisas boas, mais também coisas ruins.

“[...] a rua pra mim é boa é ruim, é tudo de bom e de mal” (Antônio).

Já o relato de João denota os motivos que dificulta a sua vida nas ruas. O primeiro motivo é o local onde ele reside, ele fala que quando chove molha todas as suas coisas. O segundo motivo é a relação com a polícia, que o pediu para sair do local onde estava ficando.

“[...] vou falar pro cê né fácil não se pegar a rua não minha fia, não oia ai ó se chover ai de vento a gente tem de correr daqui, quando a gente ta deitado aqui a agua bate tudo ai [...] é não é Fácil não agora o cara fala assim se mora na rua se num paga, isso é difícil morar na rua é difícil mesmo não é coisa de brincadeira não, num é pra qualquer um não, pra andar pelo, esses dia mesmo a viatura veio tiro mando nos limpa tudo isso aqui lava e sumi daqui, vai pro hospital de base fica pra lá e não aparece mais aqui não, é é ruim” (João)

Partindo da mesma ideia dos anteriores, Maria fala que não é fácil morar na rua, uma de suas principais dificuldades é dormir durante a noite e querer ir em algum lugar e não poder. É possível notar que a questão não se baseia somente em ter um

lugar para passar a noite, as impossibilidades são muito mais complexas podendo ser vista na fala abaixo:

“[...] mais não é fácil, não é fácil o senhor passa a noite e querendo ir ali atravessar ou passa numa calçada ou ficar ali procurando um cantinho pra gente passa né, é esquisito, não tem explicação a vida, dessa causa assim moradores de rua [...]” (Maria).

Analisando a fala de Caio, nota-se que as impossibilidades se diferem no que se diz respeito aos questionamentos do que torna a rua um ambiente ruim de viver.

“[...] mais se eu pudesse tá trabalhando até um machado pra mim trabalhar, eu não preferia estar no meio da rua não”. (Caio)

Para Pedro as dificuldades da rua está muitas vezes ligadas aos sofrimentos, no qual pode ocorrer preconceitos e discriminações contra a população em situação de rua.

“A rua pra mim não é boa não [...] a rua é muito difícil, difícil sabe, sofrimento também [...]” (Pedro)

Paulo considera que o ruim não é morar na rua e sim estar diante de uma sociedade que o menospreza e não o enxerga como um cidadão. As causas desta desvalorização aos moradores de rua, podem estar ligadas a forma como eles se comportam, as suas vestimentas, ao seus linguajares, a falta de dinheiro, de um lar. Como também o fato deles fazerem o uso de álcool e de drogas pode ser mais um dos impedimentos para que a sociedade se aproximar deles.

“A rua não é ruim, quem faz a rua ficar ruim é as pessoas, principalmente a sociedade porque pra ela o morador de rua é invisível” (Paulo)

A rua pode ser um ambiente cheio de inseguranças, gerador de desconfianças e medos. Para Patrícia a rua é sim violenta, mas também tem outro lado. Este lado ela apresenta como atos terapêuticos que são, conversas com ações positivas de interação, que gera confiança mútua e que principalmente, age como um tratamento alternativo.

“[...] eu não vejo a rua só a violência, tem a violência, mais também tem muita coisa boa, eu já tracei vários papos, muitos papos terapêuticos e terapêuticos até pra mim [...]” (Patrícia)

Nota-se que praticamente todas as falas apresentam aspectos negativos de viver nas ruas e muitos retratam a rua de forma prejudicial devido a grandes dificuldades e/ou problemas que enfrentam nas suas vivências.

A rua se torna um ambiente de moradia, um local familiar, na qual o conhecimento é adquirido para sua própria sobrevivência. Neste ambiente os moradores de rua, buscam formas de socialização e criam relações de conduta de quem vive em sociedade, para o seu sustento financeiro, psicológico e social.

O segundo eixo é sobre o conhecimento, esse eixo mostra através das falas um lado da rua pouco conhecido, esse fato pode estar relacionado com a caracterização que se têm das ruas. Segundo a ideia de Paulo Freire citado por Gadotti (1997), o conhecimento está relacionado a interações que se constroem gradativamente na procura de agregar o “estético, o epistemológico e o social”, a fim de conhecer e saber o que é proposto para gerar poder. O ensino não é desenvolvido somente em uma sala de aula, mais pode ser desenvolvido segundo vários contextos, sendo entes: dentro do cenário político, no âmbito familiar, nas ruas, nas entidades religiosas, nas organizações sociais, dentre outros.

A rua pode ser caracterizada como uma forma de aprendizado, porque nela se descobre novas coisas, novas ideias, novos saberes que estão sendo compartilhados e vivenciados através das interações cotidianas. Mediante a fala do morador de rua Murilo, este ambiente é a sua principal fonte de construção do saber, pois tudo o que ele sabe aprendeu na rua e a utiliza como principal forma de sobrevivência.

“É aquilo que tudo que eu não sabia ela me ensinou” (Murilo).

São diversas as opiniões sobre a construção de conhecimento que a rua oferece, para Antônio, ela está associada a um trabalho proporciona interesses que para ele são interessantes, como por exemplo, saber como sair de uma briga em uma determinada situação de risco, procurar locais seguros para passar a noite, dentre outros.

“Uma escola [...] o trabalho, muitas coisas que a gente aprende, que a gente vê, que a gente, é uma, a rua é uma escola então a gente aprende muita coisa, então acho interessante (Antônio).

Já para Vitor, o conhecimento acrescenta à concepção de saberes individuais e coletivos e está relacionado com a possibilidade de conhecer outros costumes, habilidades, comportamentos, crenças, conhecimentos e vivências. Logo, fica perceptível que para ele diferentemente do que pensamos viver nas ruas acaba lhe proporcionando crescimento em diversas áreas de sua vida.

“[...] você vem e conhece outras pessoas de outras ideias de outras culturas também, aí você vai acrescentando também”. (Vitor)

Para Lucas a ideia de rua caminha para a aquisição de conhecimento no que se refere às artes existentes no meio em que vive, podendo ser uma arte pintada (grafite) ou até mesmo arte por meio de danças, canto e instrumentos, encontradas por ele durante sua caminhada. Nesta perspectiva, pensa-se que, o fato de os moradores de rua enxergarem atividades cotidianas em proporção maior do que pessoas que simplesmente passam pelas ruas a fim de ir para outros lugares e resolver seus afazeres diários, os tornam apreciadores constantes da arte de rua.

“Para mim a rua é uma estrada de conhecimento, onde as pessoas recebem uma educação artística”. (Lucas)

Paulo conta que a rua pode apresentar muitas pessoas sábias, que de forma pessoal demonstram sua inteligência em algo, sejam em um estudo avançado, ou até mesmo nas próprias experiências cotidianas. Na rua existe muita gente com capacidade de aprimorar seus conhecimentos, mas infelizmente muitos não conseguem sozinhos, pois vezes se privam por falta de acesso, oportunidades e incentivo da família e sociedade.

“[...] a sociedade porque pra ela o morador de rua é invisível, sendo que é ao contrário, na rua tem muitas pessoas inteligentes, que tem capacidade de tá dentro de um apartamento desse, ter um carrão, ter um serviço bom, só que pra pessoa chegar esse nível tem que ter apoio familiar, psicológico, principalmente da sociedade” (Paulo)

Existem diferentes pessoas morando nas ruas, assim como Neide relata. Para ela na rua é possível visualizar vários tipos de pessoas, sendo elas sujeitas a estigmatização social, o preconceito, a falta de estudo por não seguirem os parâmetros exigidos pela sociedade, mas ela continua afirmando que, mesmo diante disso, a população em situação de rua encontra-se acima de todos esses parâmetros,

“[...] a população de rua como a Vanessa já mencionou perpassa todo e qualquer classe social, acadêmico, cultural [...]” (Neide)

O terceiro eixo é o trabalho e nele será apontado a relação deste com a população em situação de rua. O trabalho está atribuído a produção de atividades que as especializam, por isso, ao afirmar que uma pessoa tem um trabalho para o autor Castel (1997), é caracterizá-las como que ela é um ser útil. A população em situação de rua por sua vez, estão sujeitos a vários processos de rotulação pelo fato de muitos não conseguirem emprego e pela condição precária que vivem. Um dos grandes

motivos de muitos deles ainda morarem nas ruas é devido à falta de um trabalho, que seria a forma de garantir o sustento.

É possível notar que o preconceito, a invisibilidade da população em situação de rua, geram “achismo” de que eles estão nas ruas porque não querem trabalhar. Segundo o relato de Caio, pode-se perceber o contrário, ele é um exemplo de morador que está sempre em busca de serviço, mas talvez a impossibilidade seja ela por doença, ou até mesmo pelos padrões exigidos para contratar alguém, dificulta ainda mais a conquista do tão desejado emprego.

“[...] mais se eu pudesse tá trabalhando até um machado pra mim trabalhar, eu não prefiria estar no meio da rua não” (Caio)

Para Ana a rua representa um ambiente de luta, de maneira a conseguir alcançar seus objetivos, seja na resolução de problemas, ou até mesmo no passo inicial, que é conseguir uma carteira de trabalho. Isso nos mostra que a PSR não é aquela que para no tempo, e sim são pessoas que sempre estão em busca de algo.

“[...] é quem tá na rua ta brigando, tá resolvendo problema, ta indo atrás de uma carteira de trabalho [...]” (Ana)

A profissional Patrícia do consultório na rua, mostra que nas ruas é possível encontrar pessoas que são profissionais de várias áreas do conhecimento o que inferioriza o senso comum que todos têm sobre as pessoas da rua, que são pessoas com baixa escolaridade ou até sem nenhuma, mais na rua existem vários tipos de pessoas e que muitas das vezes tem o conhecimento igual e ou superior as demais.

“[...] porque lá tu encontra todo mundo, tu encontra o doutor ... encontro trabalhadores igual a mim que também entro em êxtase na rua”. (Patrícia)

O quarto eixo é sobre uso de álcool e drogas consumido pelos moradores de rua, qual é a relação entre o uso diário de álcool e drogas, e como pode o influenciar na sua vida cotidiana. O uso de álcool e drogas é apontado como algo cultural e considerado como estilo de vida de alguns moradores de rua. O uso das substâncias pode estar relacionado a rupturas e geradores de problemas sociais, mas também pode ser um grande minimizador do frio e da fome (COSTA 2005).

Observa-se que os moradores de rua utilizam a bebida para suprir as dificuldades contidas no fato de morarem na rua. Também que o consumo de bebida alcoólica é um fato comum entre eles, e o dinheiro que recebem, através de doações ofertadas, usam para o consumo. João conta que uma das dificuldades é o uso do dinheiro para a compra da bebida alcoólica.

“[...] ou você pensa que é tão fácil se morar na rua não é fácil sabe por que que não é fácil? Por que a única coisa que eu compro aqui na rua só é pinga [...]” (João)

José fala que não pede o dinheiro mais o que ganha, segundo ele, era para a comida mais utiliza para comprar bebida, e isso para ele é algo comum entre os moradores de rua.

“[...] toma o dinheiro vai lá, não peço, aí eu pego e bebo, quem mora na rua e não bebe, aponta um pra mim”. (José)

Os moradores retratam a droga como algo que é fisicamente visível, modifica a aparência e causa dor. Vitor se vê como uma pessoa mais velha, pois segundo ele a droga envelhece.

“[...] hoje como eu já mais velho, velho assim entre aspas né, a droga que os envelhece né, nosso aspecto, nossa aparência, mais somos pessoas novas por dentro ainda, sabe”. (Vitor)

Para Marcelo, a droga é considerado como algo doloroso, que afetou o seu sistema imunológico, pois a única coisa que consegue ingerir era água. Para ele o vício ultrapassa questões físicas, o medo de subsistir na rua o leva a se refugiar dessa maneira.

“[...] ainda mais com a droga fica pior ainda, a subsistência da pessoa na rua, dolorosa dolorosa pô vish, depois que eu começava a fumar eu cheguei a ficar onze dias fumando cara, só bebia água, a única coisa que entrava pela boca era água, se acredita veí”. (Marcelo).

Para a Patrícia, o uso da droga é só como uma distração e um vício e que muitos tem vontade de sair desse hábito que ela chama de “tensão”, “estresse”. Ou seja, através dessa fala, também pode perceber que ela encontra conforto ao se referir a um Doutor que também se tornou usuário e que isso é algo normal.

“[...] hoje na rua eu já encontrei o doutor que faz o uso recreativo da droga, que também quer sair daquela tensão, daquele estresse [...]”. (Patrícia).

São muitos assuntos que chamo de eixos que norteiam a relação da rua com a População em situação de rua (PSR), pode-se evidenciar que há sim aspectos positivos e negativos de se morar nas ruas e que suas vivências nessa relação determina a opinião pessoal de cada um.

O quinto e último eixo se trata sobre o que é a rua pra você, essa foi a pergunta central deste estudo. Neste eixo será apresentado as principais frases do que é a rua para a população em situação de rua e os profissionais do consultório na rua.

A rua pode ter vários significados para DaMatta (1991), um deles é que a rua é um espaço de passagem, em que se transita de modo impessoal e também pode ser um local de sociabilidades. A rua também está atrelada a uma ética liberal, que parte de dois pontos a função da igualdade ou a competição entre as pessoas. Já para Ferreira (2001), a rua é um espaço vago sem extremidades, ou seja, é um lugar sem fim.

Na rua existem vários tipos de pessoas que a utilizam para várias finalidades, que pode ser um lugar acolhedor e produtor de diversas realidades. Nesse cenário é inserido a população em situação de rua, que são pessoas de todas as idades, vindas de diversas realidades, que compartilham entre si a pobreza extrema e não se incluem na sociedade formal. Passam por algum acontecimento em suas vidas, e a rua se torna o ambiente em que utilizam para moradia e sobrevivência (COSTA 2005).

Mais afinal, o que é a rua? Ela pode ser definida e conceituada de várias formas, de acordo com o modo em que ela é vista e a maneira em que se vive. Pode-se perceber que cada um explica a rua da maneira em que se vive nela, as particularidades que ela apresenta.

A seguir, será apresentado resumos das falas dos moradores de rua e dos profissionais citados ao longo da discussão. Este quadro, servirá como um guia para que visivelmente seja mais rápida a compressão do que está sendo proposto. No Quadro 1 é possível notar que tanto a população em situação de rua (PSR), quanto os profissionais do consultório na rua, apresentam-na conforme ela se mostra para eles, conforme a particularidade de cada um.

Quadro 1 – Frases chave da População em situação de rua e dos Profissionais do Consultório na rua.

Frases chave da População em situação de rua	Frases chave dos Profissionais do Consultório na rua
é tudo, tudo que eu tenho (José)	A rua pra mim hoje é vida (Patrícia)
é uma miséria, é uma droga (João)	A rua é um espaço coletivo (Paula)
mais não é Fácil (Maria)	a rua é vida (Marcia)
não é boa não (Pedro)	A rua pra mim é como se fosse um lar (Suzana)
isso ai é a rua, quando se sai disso aqui já se torna o mundo (Marcos)	Pra mim é um desafio a cada dia (Neide)

Uma escola então a gente aprende muita coisa (Antônio)	eu não vejo a rua só a violência (Patrícia)
a rua multiformas, (Vitor)	trabalhar na rua pra mim hoje é essencial (Patrícia)
A rua é uma escola sem fim, ainda mais com a droga fica pior ainda (Marcelo)	Na rua já encontrei o doutor que faz uso recreativo da droga, que também quer sair daquela tensão, daquele estresse (Patrícia)
rua é uma estrada de conhecimento (Lucas)	a rua ser como uma possibilidade, um espaço de vivencia (Paula)
A rua é uma coisa sem lei (Junior)	a rua a gente precisa mesmo viver a rua pra gente tentar entender (Marcia)
A rua pra mim ah sei lá é liberdade (Mateus)	a rua pra mim nunca foi algo diferente (Suzana)
A rua não é ruim (Paulo)	a rua pra mim é um local que eu vejo, eu olho pra uma pessoa eu já sei que ele é de rua (Suzana)
A rua pra mim, é quem tá na rua tá brigando, tá resolvendo problema (Ana)	quando eu saio pra rua eu não sei o que eu vou encontrar naquele dia (Neide)
É aquilo que tudo que eu não sabia ela me ensinou (Murilo)	um espaço onde você de alguma forma por você ocupa-lo você acaba criando algumas regras entre as pessoas ali (Paula)
A rua é um lugar que você tem uma liberdade ampla (Carlos)	espaço de vivencia onde você pode fazer em qualquer lugar, na rua, na sua casa, no seu trabalho, você constrói ali laços (Paula)
a rua pra mim é uma coisa que se a gente puder (Caio)	eu vejo que é como se fosse um lar para eles (Suzana)

Fonte: Elaboração própria

A rua está diretamente ligada com a representatividade e no modo que ela se apresenta e influência na vida de cada pessoa. A rua pode ser tudo na vida de uma pessoa, mais também pode não ser nada, assim como ela têm aspectos favoráveis a uns, também apresenta aspectos negativos a outros.

No quadro 2 serão apresentados os aspectos positivos e negativos da população em situação de rua, referente ao quadro 1, nele estão os principais apontamentos do que é a rua de maneira positiva e de maneira negativa.

Quadro 2- Aspectos positivos e negativos para a população em situação de rua

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	
ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
é tudo, tudo que eu tenho (José)	é uma miséria, é uma droga (João)
Uma escola então a gente aprende muita coisa (Antônio)	mais não é Fácil (Maria)
a rua multiformas, (Vitor)	não é boa não (Pedro)
rua é uma estrada de conhecimento (Lucas)	A rua é uma escola sem fim, ainda mais com a droga fica pior ainda (Marcelo)
A rua pra mim, é quem tá na rua tá brigando, tá resolvendo problema (Ana)	A rua é uma coisa sem lei (Junior)
É aquilo que tudo que eu não sabia ela me ensinou (Murilo)	A rua pra mim ah sei lá é liberdade, mais uma liberdade que não é tão gostosa (Mateus)
A rua é um lugar que você tem uma liberdade ampla (Carlos)	a rua pra mim é uma coisa que se a gente puder (Caio)

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se aqui que a rua pode representar de maneira positiva como sendo tudo que a pessoa tem, um lugar que se aprende muita coisa, onde se adquire conhecimentos, um lugar de luta, pelos seus direitos, e obrigações e um lugar que representa liberdade.

E de maneira negativa a rua representa lugar de grande miséria, muitas dificuldades, um lugar que ensina coisas boas, mais também, ensina coisas ruins. Morar na rua muitas vezes não é escolha pessoal e sim a única alternativa.

No quadro 3 serão apresentados os aspectos positivos e negativos dos profissionais do consultório na rua, referente ao quadro 1, nele estão os principais apontamentos do que é a rua de maneira positiva e de maneira negativa.

Quadro 3 – Aspectos positivos e negativos para os profissionais do consultório na rua.

PROFISSIONAIS DO CONSULTÓRIO NA RUA	
ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
A rua é um espaço coletivo (Paula)	Pra mim é um desafio a cada dia (Neide)
a rua é vida (Marcia)	eu não vejo a rua só a violência (Patrícia)
A rua pra mim é como se fosse um lar (Suzana)	quando eu saio pra rua eu não sei o que eu vou encontrar naquele dia (Neide)
trabalhar na rua pra mim hoje é essencial (Patrícia)	um espaço onde você de alguma forma por você ocupa-lo você acaba criando algumas regras entre as pessoas ali (Paula)
a rua pra mim nunca foi algo diferente (Suzana)	Na rua já encontrei o doutor que faz uso recreativo da droga, que também quer sair daquela tensão, daquele estresse (Patrícia)
espaço de vivencia onde você pode fazer em qualquer lugar, na rua, na sua casa, no seu trabalho, você constrói ali laços (Paula)	a rua pra mim é um local que eu vejo, eu olho pra uma pessoa eu já sei que ele é de rua (Suzana)

Nota-se que a rua representa positivamente como algo essencial e demonstra o quão fundamental é o papel do profissional atuando nas ruas. A rua representa vida,

no sentido que há muitas vidas existentes naquele local, pois é um local normal como qualquer outro, que pode ser comparado com um lar, moradia.

A rua representa negativamente um grande desafio que é o fato de ter que lidar com o improvável e desconhecido um local que está cheio de estresses e apreensões. Um ambiente que quem vive nele se torna nítido em sua aparência, muitos apresentam um aspecto de cansaço, muitas vezes sujo e por fim um ambiente livre, mais com regras próprias para a sobrevivência de muitos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os resultados, é notório ver a existência de eixos temáticos, sendo possível perceber que os quatro primeiros eixos “as facilidades e dificuldades de morar na rua”; “o conhecimento encontrado na rua”; “o uso de álcool e drogas”; “trabalho”, estão ligados diretamente com o último eixo “o que é a rua”. Pois, essa interligação ocorre devido a um eixo ser decorrente do outro, ou seja, as dificuldades de se morar na rua pode estar relacionada, por exemplo, a falta de um trabalho, ou até mesmo pelo conhecimento adquirido ao longo da sua vivência neste.

Uma das principais descobertas ao realizar este trabalho envolve uma parte positiva da vida nas ruas. A maioria das pessoas consideram que viver na rua é sinônimo de miséria, perigo, pobreza, fome, preconceito e inferioridade social. Porém, na maioria das falas dos moradores de rua notou-se que o modo como a sociedade as enxerga deve ser visto também de outra perspectiva. Morar nas ruas para eles, pode ser igualado a construção de conhecimento, pois aprendem como sobreviver em meio aquela realidade dura, como também, aprendem a apreciação da cidade e o que ela oferece, pois os olhos vêem tudo o que acontece nela de dia e de noite. Além disso, pode ser um local de troca de saberes entre as diversas culturas. Eles também percebem que mesmo estando naquela situação, acabam praticando coisas que um cidadão visto como comum também pratica ou seja, percebem que no final eles não são tão diferentes assim.

O estudo com a população em situação de rua (PSR) é de suma importância, principalmente por se tratar de uma população bem numerosa, que sofrem vários tipos de violação dos seus direitos humanos, e se consideram ser uma população que é pouco assistida pela sociedade no geral. Mesmo diante esse fato, percebeu-se ao longo do estudo que poucas são as referências que tratam dessa população.

Considera-se que as pesquisas e dados existentes sobre a PSR são poucas e por isso, este é um estudo que buscou impulsionar o valor de se estudar sobre essa população moradora de rua, principalmente quando se diz respeito a atuação dos profissionais sanitários, que possuem diretrizes e metodologia para serem porta vozes destes, dentro do Sistema Único de Saúde como também nos demais meios sociais. Além disso, incentivar a produção de mais materiais bibliográficos e científicos para ajudá-los.

Para mais, pensa-se que é preciso repensar em ações que priorizam e minimizam os agravos que essa população é submetida diariamente. Por isso se faz necessário a criação de políticas públicas que favoreçam e auxiliem a PSR em todas as áreas, principalmente a área da saúde visando sua universalidade, integralidade, e equidade na saúde.

Na área da Saúde Coletiva, também pode-se citar que na perspectiva deste trabalho, é possível ver que é fundamental o papel do sanitarista para o olhar integral da saúde, não somente no saber biomédico, mais também no saber das ciências sociais e humanas e na saúde pública, podendo assim desenvolver estratégias na luta pelos direitos que beneficiam a PSR, considerando a necessidade de um cuidado contínuo, pois são pessoas que estão sujeitas a grandes vulnerabilidades sociais, a riscos e fragilidades cotidianamente.

É possível através desse estudo entender que existe vários eixos que podem ser pesquisados, temas que não foram possíveis serem apresentados e que permeiam a PSR. Contudo há muito a saber sobre o cotidiano dessa população tão numerosa para assim conhecer como é a sobrevivência nas ruas diante das adversidades existentes.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, A.; BARRETO, E. **Sem Amor Sem-Abrigo**. Lisboa: CLIMEPSI, 2002.

BRASIL. Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília : Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Portaria nº 122, de 25 de janeiro de 2011.

BORGES, A. L.; ALMEIDA, B.V. **um olhar sobre as histórias de vida daqueles que habitam as ruas de belo horizonte**. Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 2, n. 4, jul./dez. 2017

CASTELVECCHI, G. **Quantas vidas eu tivesse, tantas vidas eu daria!** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

COSTA; A. P. **População em situação de rua: contextualização e caracterização**. Textos & Contextos (Porto Alegre). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, RS, Brasil vol. 4, núm. 1, dezembro 2005, pp. 1-15

DE LUCCA, D. **Sobre o nascimento da População de rua: Trajetórias de uma questão social**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011.

DE LUCCA, D. **A Rua em Movimento: experiencias urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia Social – FFLCH – USP, São Paulo, 2007

FRANGELLA, S. M. **Corpos Urbanos Errantes: Uma Etnografia da Corporalidade de Moradores de Rua em São Paulo**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais

apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GADOTTI, M. LIÇÕES DE FREIRE. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. Janeiro de 1997. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002&lng=en&nrm=iso>. acesso em 06 de maio de 2018.

GOVERNO FEDERAL. **Política Nacional para a População em Situação de rua (decreto 7.053/2009)**, Brasília-DF, 2009.

KASPER, C. P. **Habitar a rua**. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

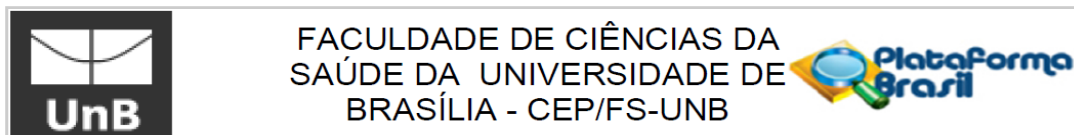
MATTOS, R. M & FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua**. *Psicologia & Sociedade*; 16 (2): 47-58; maio/ago.2004

MENDES, M. **Os moradores de rua e suas trajetórias: Um estudo sobre os territórios existenciais da População de Rua de Belo Horizonte**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, 2011.

VARANDA, W.; ADORNO, R. C. **Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde**. In: *Saúde e Sociedade* v.13, n.1, p.56-69, jan-abr 2004.

9. ANEXO

Anexo I – Aprovação do projeto de Iniciação Científica junto ao Comitê de Ética.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vinculações: Trajetórias e biografias entre indivíduos em situação de rua.

Pesquisador: Pedro de Andrade Calil Jabur

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15755913.7.0000.0030

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 330.731

Data da Relatoria: 03/07/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur.

Participação de sua equipe, além do próprio pesquisador, um professor e oito alunos de graduação.

Hipótese: As diversas rupturas vividas por esse sujeito (tanto de forma ativa, como passiva, consciente e inconsciente) aparecerá em seu próprio discurso: em seus fragmentos de vida e vida em fragmentos.

Objetivo da Pesquisa:

Apresentado no parecer No.305250.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentado no parecer No.305250.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentado nos pareceres No.305250 e No. 320830.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **Fax:** (61)3307-3799 **E-mail:** cepfs@unb.br

Continuação do Anexo I



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA - CEP/FS-UNB



Continuação do Parecer: 330.731

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas foram atendidas pelo pesquisador.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASILIA, 10 de Julho de 2013

Assinador por:
Natan Monsores de Sá
(Coordenador)